CIDADE AZUL

ALINE OS

CIDADE AZUL

ALINE OS

volume II

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio, convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

**Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

Riera, Aline Oliveira e
Cidade Azul. / Aline Oliveira e Riera. – São Paulo: A. O. Riera, 2012
2 v. il.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes / Universidade
São Paulo.
Orientador: João Luiz Musa

I. Fotografia. 2. Artes. 3. Cidade. 4. Ensaio. I. Musa, João
Luiz, orient. II. Título.

CDD 21.ed. - 770

ALINE OLIVEIRA E RIERA

CIDADE AZUL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Artes na área de concentração em Poéticas Visuais.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Musa.

São Paulo, 2012

BANCA EXAMINADORA

Ao Uiráí Fuscaldo e nossa interminável conversa

AGRADECIMENTOS

Ao João Musa por seu olhar, ensinamentos e paciência.

Ao Eurico Lopes pelas tantas cervejas e longas conversas.

Aos Professores Marco Buti, Luise Weiss e Luiz Armando Bagolin.

Às amigas Carolina Mikosewisk, Kelly Wance Irribaren, Paula Galasso e Priscila Tuna, pelo olhar atento, conversas e fôlego.

Às queridas Estela Garcia, Regina Landanji e Solange dos Santos.

À minha mãe, Odete.

Ao Diego, por estar ao meu lado.

À todos que contribuíram para eu buscar minha Cidade Azul.

RESUMO

“Cidade Azul” é o título de conclusão da dissertação de mestrado que apresenta, em formato de livro, a edição de dois ensaios fotográficos, realizados entre os anos de 2009 a 2012, e um breve ensaio, redigido ao longo do último ano.

Cada ensaio tem sentido próprio, independente dos demais, e, contudo, é integrante de um mesmo processo de criação, que se desenvolveu com a prática fotográfica (do olhar, à edição, finalização e produção de um livro) e ao enfrentar o desafio da escrita poética.

“Cidade Azul” apresenta a paisagem urbana em alguns distintos, mas complementares, aspectos: pela improvável sobreposição do tempo (ao justapor imagens) somada as angústias advindas da percepção das cenas retratadas; através de personagens singulares, que se aglomeram e dão vida à cidade; e, finalmente, com a narrativa que acompanha a diversidade de acontecimentos em uma região caótica, no período em que a urbe supostamente descansa. Ambos modificando o olhar rotineiro que repousa sobre a paisagem.

PALAVRAS CHAVE: fotografia, ensaio, cidade, poesia.

ABSTRACT

“Cidade Azul” [*Blue City*] is a conclusion of the dissertation that presents, in book form, the editing of two photographic essays, conducted between the years 2009 to 2012, and a brief essay, written over the last year.

Each essay has its own meaning, independent of the others, and yet is part of the same process of creation that grew up with photographic practice (look, editing, finishing and production of a book) and the challenge of poetic writing.

“Cidade Azul” presents the urban landscape in some distinct, but complementary aspects: the unlikely time overlap (by juxtaposing images) plus the anguish arising from the perception of the scenes depicted; through unique figures that crowd and give life to the city; and finally, with the narrative that accompanies the diversity of events in a chaotic region in the period in which the metropolis supposedly rests. Both changing the way routine that rests on the landscape.

KEY-WORDS: photography, essay, city, poetry.

you

you

you

you

you

you

you

you

you

you

you

CIDADE AZUL

ALINE OS

CIDADE AZUL

ALINE OS

volume II

ALINE OLIVEIRA E RIERA

CIDADE AZUL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Artes na área de concentração em Poéticas Visuais.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Musa.

São Paulo, 2012

INTRODUÇÃO

Este projeto se inicia com uma súbita mudança de residência. De uma casa com quintal amplo, no bairro do Jabaquara, passei a morar, no ano de 2008, em um pequeno apartamento na zona central de São Paulo. Da janela deste, era possível avistar somente a empena cega do edifício vizinho. E os ruídos da cidade ecoavam insistentemente naqueles poucos metros quadrados.

Ao subir os olhos diante desta mesma janela era possível ver o céu, recortado pelo desenho dos dois edifícios e das antenas que se aglomeravam em seus telhados. O tom azul complementava a frieza dos novos vizinhos de concreto e metal.

Do nono andar, tentando me desvencilhar das imutáveis companhias, passei a dar atenção ao ruído vindo da rua, localizada após a curva de uma das paredes externas do edifício. Entre o vai e vem dos carros, nas madrugadas insones, acompanhava risos, choros, gritos e parte de diálogos de uma cidade que raramente silencia.

O ensaio escrito que apresento ao final do livro complementa o trabalho fotográfico, e vem do interesse em relatar o processo de criação da forma como experimentei, observando a cidade e seus habitantes durante longas madrugadas e dias de névoa intensa.

INSÔNIA

Os fragmentos das conversas e ruídos vindos da avenida sempre chegavam até meus ouvidos e, mesmo sem querer, me tornava parte daquilo.

O barulho de um homem trabalhando com sua britadeira às três da manhã não resulta em um diálogo, mas, ao longe, era possível ouvi-lo gritar na tentativa de se comunicar com o companheiro de trabalho. Nas pausas para o café, ouvia as risadas entre a equipe. Em seguida o som da britadeira retornava, motivando minha insônia.

Gritos e choro desesperado. Roubaram algo, ou uma mulher (talvez um travesti) fora agredida. Difícil precisar quem, tamanha distância e eco propagado na quitinete. Sem fazer alarde a polícia chega (percebo pelas luzes do giroflex refletidas no teto do quarto), mas ainda é possível ouvir os gritos histéricos da vítima.

Madrugada longa. Desta vez o que me acordou foi a freada e o “crash” da batida, tão estridentes que o sono leve se interrompeu. Dispara o coração. Teriam sobrevivido? Será que fugiram sem socorrer? Se volto a dormir os pesadelos com mais acidentes povoam minha mente, onde as pessoas se amontoam e deixam de ser indivíduos, compondo uma massa indistinguível, sem um rosto, sem expressão definida.

Nas noites seguintes a região é invadida pelo cheiro acre de sujeira e entorpecentes. Acordaram alguém que dormia na calçada. Se velho, moço, homem, criança e mãe, não sei. Arrancaram alguém do sono, que, irritado, agora esbraveja. Acordada há horas, imagino a cena, mas tento não pensar. Na escuridão do quarto os olhos fechados não acalmam a mente. A algazarra aumenta, e ouço quando quebram o vidro do carro abandonado há meses. Esforço conjunto, viram o veículo de ponta cabeça, que servirá de abrigo improvisado por algumas noites para muitas pessoas que se revezam com suas drogas, seu sono, suas vidas.

A aflição pelo dia que chega e a falta de sono me acompanham, mas a hipótese de deixar a cama não agrada. Às vezes o sono volta e nestes momentos misturam-se realidade e delírio. Quase dormindo, meio consciente, a pior sensação é a dor real por forçar os olhos a se abrirem sem sucesso, perceber que a escuridão tomou conta de tudo ao redor e não conseguir enxergar o que quer que seja para identificar o mundo.

O desconforto me acorda e tento antecipar a chegada do dia, prevendo que horas seriam... não adianta. A luz de todos os refletores lá de fora faz parecer dia claro no interior da casa. Os barulhos da cidade diminuíram, mas não cessaram, então me levanto.

Volta e meia olho pela janela e tento enxergar os acidentes, as brigas, os vândalos, os casais e seus amigos deixando a boate, as damas nos botecos e seus acompanhantes. Não os vejo, mas sei que alguns fizeram melhor uso da noite em claro do que outros.

Diante da janela percebo um vão comum à vários edifícios que dão contorno a cidade. Vejo de cima as paredes e seus telhados, onde um emaranhado de antenas se encaixam. Apenas um ou outro apartamento generoso com varanda, que faz vista a distância entre as construções. Tomo esta medida como o que separa algumas vidas.

A mudança de apartamento me trouxe para um andar mais alto, sem a companhia da empena cega que antes me sufocava e acolhia. Observo e não sou vista pelas três amigas que conversam, fumam e bebem na porta da cozinha que dá para a varanda. A trilha sonora é a roda de samba da rua ao lado... Tenho a impressão de que eles tocam para a diversão das amigas no calor da noite. Não sei que horas eram quando toda a música, risos e euforia se tornaram um zumbido uníssono para o transe em que adormeci.

O cochilo foi interrompido quando a roda de samba aumentou o som e a cidade diminui seu volume. A noite se aprofunda e, novamente sem sono, permaneço deitada, pensando no cansaço que chegará com o dia seguinte.

Outra festa habita a cidade nas horas sem fim da noite que se tornou madrugada. O fuzuê do samba agora parece mais um recital de piano perto da confusão de estilos, propagação de agudos, graves e coros desafinados que surgem a todo momento. De um lado a estridência da guitarra se opõe ao oco da zabumba, empenhada em soar alto, embora esteja decibéis aquém do coral de milhares de vozes. Impossível ficar alheia, se aquietar e dormir.

Sei que ali está um aglomerado de pessoas insones. Eu não as vejo, apenas ouço. Esta gente é a cidade que vejo através da janela. Imóvel, azul, em silêncio.

CHUVA E NEBLINA

Noite de chuva. Alguns pingos no telhado ecoam no silêncio da casa por minutos e logo cessam. Pela fresta da janela atravessa um chiado grave, uivo do vento, que vai se intensificando e balançando as antenas do prédio, como se estivessem soltas.

O vento entra pelo telhado e fecha uma janela que estava aberta por descuido. A esta altura ainda é possível ouvir os carros passando, mas em seguida tudo silencia e o medo, imposto pelo tempestade que avança, esvazia as ruas. Misturam-se no céu e na terra a força do vento e da água e só a cidade consegue se opor contra a vontade da natureza, que aos poucos sossega.

O que segue é o eterno reprisar do som da chuva que resvala nas partes de metal de algum cano, escorre pelas paredes dos edifícios e chega até o asfalto; pingos que se chocam contra o telhado, descem pela calha e deslizam pela calçada; gotas que se entrelaçam na copa das poucas árvores, pulando de folha em folha até alcançar o chão. Continua e repetidamente.

A agonia de um grito longo, uniforme, que cada vez fica mais alto e próximo interrompe a monotonia da chuva. Silencia e volta, repetidas vezes até ser possível identificar sua origem. Em cada esquina, a freada extensa do caminhão pesado mais parece o apelo de um condenado. Quando passa pelo edifício faz tremer as janelas, o quarto, a cama e sinto como se estivesse dentro da boleia. O ritual cadenciado é o mesmo em todos os 6 semáforos da avenida, até acelerar sobre o asfalto molhado e tomar um rumo qualquer, fazendo chinar os pneus em contato com a água.

Para trás deixa a chuva mais forte, agora com seus clarões de raios e relâmpagos e o soar dos trovões. Sinfonia da cidade, que dorme inocente.

Pela manhã é possível sentir a umidade, o gelo da casa, que foi longamente banhada com a chuva fria.

Cinzentos, o céu denso de nuvens encobre tudo. A névoa deixa branco o topo dos edifícios e vai pintando de cima para baixo a paisagem. Branco gélido, somem os altos prédios. Branco pálido, são apagados todos os demais, ainda distantes. A cidade se modifica. Passa a ter aspecto de um cais de porto, onde atracam grandes embarcações, cargueiros talvez. O som dos carros em nada altera a sensação de estar prestes a zarpar. Tão perto, tudo sendo engolido e transformado diante dos olhos. O fog vai se espalhando e assim movimenta o mar de casas, uma a uma passando pela cortina de cerração.

Ainda é possível enxergar um fragmento distante do pequeno prédio, claro, sem janelas na face sul, telhado escuro, antigo, flutuando em um fundo mais claro ainda. Antes seu recorte tinha como fundo uma ruína qualquer, que agora desaparecera, como outro navio que deixa o porto.

B I B L I O G R A F I A

ASSOULINE, Pierre. Cartier-Bersson – O Olhar do Século. Porto Alegre: L&PM, 2009.

AVEDON, Richard. Performance. New York: Harry N. Abrams, 2008.

BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERNARDET, Jean-Claude. Caminhos de Kiarostami. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOIS, Yve-Alain. Matisse e Picasso. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

BRASSAÏ. Conversas com Picasso. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

BUTI, Marco. Ir até aqui. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

CALVINO, Ítalo. A Aventura de um fotógrafo. In: Amores Dífíceis. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 51 a 61.

CAMARGO, Iberê. Gaveta dos guardados. São Paulo: Edusp, 1998.

CÉZANNE, Paul. Correspondência. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CLARK, Lygia. Cartas, 1964-1974 / Lygia Clark, Helio Oiticica. Org. Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COUCHOT, Edmond. A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

DEBRAY, Régis. O gênio do cristianismo. In: Vida e morte da imagem – uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, pp. 73-102.

DELEUZE, Giles. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

DUBOIS, Phillipe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campina [SP]: Papyrus, 1994.

_____. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social: Imagem Oculta – reflexões sobre a relação entre muçulmanos e a imagem fotográfica. São Paulo, USP, 2001.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta – ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Prefácio / Advertência / Abstrair / Concretizar. In: O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008, pp. 9-30.

Fontcuberta, Joan. Estética fotográfica: una selección de textos. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

Fontcuberta, Joan. [2002]. Homepage de Joan Fontcuberta. Fauna / Constellaciones / Sputnik / Milagros & Cie. < www.fontcuberta.com >. Visitado de 3 a 15 de janeiro de 2011.

GAUTRAND, Jean-Claude. Brassai Paris. Alemanha: Taschen, 2008.

GENET, Jean. O ateliê de Giacometti. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

GODARD, Jean-Luc. Introdução a uma verdadeira história do cinema. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GREENBERG, Clemente. Arte e Cultura. São Paulo: Ática, 1996.

KERTÉSZ, André. J'aime Paris: photographs since the twenties. London: Thames and Hudson, 1974.

KIAROSTAMI, Abba & ISHAGHPOUR, Youssef. Abbas Kiarostami – Duas ou três coisas que sei de mim. O real, cara e coroa. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LAGNADO, Lisette. Conversações com Iberê Camargo. São Paulo: Iluminuras, 1994.

LEITER, Saul. Early color. Göttingen: Steidl, 2006.

MASCARO, Cristiano A.. São Paulo. São Paulo: SENAC, 2000.

MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MELEIRO, Alessandra. O novo cinema iraniano: arte e intervenção social. São Paulo: Escrituras, 2006.

MUSA, João L., JARDIM, Evandro C., MENDES, Ricardo. São Paulo, anos 20: andar, vagar, perder-se. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papius, 2005.

OTICICA, Hélio. Aspiro ao grande labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PIAULT, Marc-Henri. "Uma antropologia-diálogo: a propósito do filme de Jean Rouch, Moi, um noir". In Cadernos de Antropologia e Imagem, no. 4. Rio de Janeiro, UERJ, 1997, pp. 185-192.

PINTO, Ivonete Medianeira. Dissertação de Doutorado em Ciências da Comunicação: Close-up: a invenção do real em Abbas Kiarostami. São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, USP, 2007.

SAMAIN, Etienne (Org.). O Fotográfico. São Paulo: SENAC, 2005.

SIRE, Agnès, CHEVRIER, Jean-François. Henri Cartier-Bresson, Walker Evans - Photographing America (1929-1947). Londres: Thames & Hudson, 2009.

SONTAG, Susan. Ensaios sobre a fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STIEGLITZ, Alfred. Camera work: a pictorial guide, with reproductions of all 559 illustrations and plates, fully indexed. New York: Dover Publications, 1978.

SZARKOWSKI, John. Callahan – edited with an introduction by John Szarkowski. London: Gordon Fraser, c1976.

VALÉRY, Paul. Degas Dança Desenho. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Todas as imagens “sem título”

da série CIDADE AZUL [2008-2012]

Tipologia EUROSTILE

Papel COUCHÉ 300g/m2 laminação fosca

Impressão DIGIPIX

junho/2012